

O HOMEM SEM CONVICÇÕES¹

Fernand Deligny

Tradução e notas de Marlon Miguel

Quando nasci, eu já tinha um nome. Quer dizer que, como todas as crianças, era extremamente precoce. Enquanto se diz frequentemente em relação aos pequeninos de nossa espécie que são, ao nascer, um tanto quanto larvários e nascidos antes do prazo se os compararmos aos cabritos ou aos pintos, eles possuem então um adquirido considerável, mesmo antes de abrir os olhos.

Deste dom que lhes é feito de um nome que lhes chega longínquo, alguns não fazem senão carregá-lo; outros se esforçam em torná-lo conhecido; o nome deles se torna um vocábulo que evoca. Quer dizer então que eles se tornam um alguém? Na verdade, seu nome evoca antes alguma coisa.

Alguns tentam, toda a sua vida, alcançar essa coisa que lhes escapa.

Outros permanecem surpresos pela forma como esse ponto no *i* de sua existência é tomada².

Não tenho, a respeito do meu nome, um forte sentimento de pertencimento. Por que esse vocábulo me pertenceria já que meu pai o tinha, e também meus tios e avós por aí afora?

¹ Deligny escreve *L'homme sans convictions* em 1980, a pedido do sociólogo Isaac Joseph, um interlocutor muito importante com quem colaborava já há vários anos e que organizara diversos de seus livros. Redescoberto em 2015 pelo tradutor e por Noelle Coelho Resende nas Cevenas, durante a primeira etapa de organização dos arquivos de Deligny, esse texto foi anexado à tese do primeiro (<http://www.theses.fr/2016PA080020>) e agora está sendo publicado pela primeira vez aqui. Em breve, o original em francês será incluído na nova reedição das *Obras* (edições L'Arachnéen). Ele consiste em uma espécie de resposta ao grupo de trabalho "Meios de cuidado e trabalho das circunstâncias" (*Milieux de soins et travail des circonstances*) do Centro de Pesquisas sobre a Inadequação (CRI) da Universidade de Lyon, que começava, na época, a conceber um "delignismo" institucional. [Nota do tradutor]

² Deligny se refere com frequência ao *i* para evocar o *indivíduo* – ao qual, em geral, opõe à categoria de "sujeito". [NDT]

Com essa investigação de tempos passados, não me preocupei e não me preocupo mais em conduzi-la no espaço. Contentei-me em verificar se ele não constava em boa e devida forma na lista alfabética gravada no monumento aos mortos da guerra de 40³. Ele não constava lá, o que é então uma prova de que ainda existo, e meu nome também, mesmo que ele leve uma existência independente.

Se se tratasse de uma criança, dir-se-ia que ela foi emancipada, liberada; e o mínimo que se pode dizer é que ela toma estranhas liberdades.

Gostaria às vezes que ele fosse algo dirigível; acontece que se assemelha antes a um balão, um tanto quanto inflado pelas convicções de quem o evoca, e, então, ao sabor dos ventos do momento, se afasta ou se aproxima, sobe ou desce. Ele não me retorna. Ecos me retornam. Fico por vezes estarecido com suas extravagâncias.

Ele é meu? Essa maneira de falar me faz pensar nesse vizinho meio fanático falando da água de um pequeno canal: “É minha”.

Não impede que meu desprendimento em relação a esse vocábulo corra o risco de ser afetado. É como se diz: fazer um nome. E a isso que um alguém faz, ele se atém, queira ou não queira.

Esse prólogo prepara para aonde quero chegar; que todo nome que não permanece aquele de um alguém e se põe à deriva, a ricochetear, nem que seja na vitrine das livrarias, acaba por evocar uma entidade, “objeto considerado como um ser dotado de unidade material, ao passo que sua existência objetiva não é fundada senão em relações”; o que explicaria por que me vejo incessantemente levado a reconstituir essa unidade incessantemente desmilinguida, dispersada, o que corresponde a assinar um livro ou um texto. Eu escrevo meu nome.

³ Deligny foi mobilizado durante a Segunda Guerra durante 1939 e 1940. Além disso, em 1917 durante a Primeira Guerra, seu pai fora dado como desaparecido. [NDT]

Eu escrevo meu nome, nome balão que se mantém em suspenso devido às convicções dos outros. De onde o fato que me parece não mais haver nem convicções, nem nome próprio.

A Caridade, a Justiça, a Democracia, a Liberdade são entidades maiúsculas, e meu nome, dentre outros, inumeráveis, uma entidade minúscula.

Com essas entidades se dá o mesmo que com os astros: mortos e extintos há milênios, ainda recebemos sua luz. No que diz respeito às notoriedades minúsculas, se produz o fenômeno inverso: o que supostamente emanaria delas exige a supressão, o assassinato prematuro do ser existente. O que pode se dizer que escrever é, de certa forma, assinar sua morte, ou, ao menos, um certificado de não-existência.

Assinalo esse fato àqueles dentre meus contemporâneos, mais jovens do que eu, que teriam vontade de escrever e de serem editados: que pensem duas vezes. Caso consigam e venha-se a falar deles, sabe-se lá de quem/de que A GENTE⁴ falará. Eles ficarão bem surpresos e mesmo aterrados, se for o caso. Aterrar é o que acontece ao balão quando as convicções não mais aquecem ou quando o ego desinfla⁵.

Relativamente numerosos são aqueles para quem não existo mais desde 1943, data na qual escrevia *Grão de crápula*⁶. Eles permaneceram aí? Na verdade, sou eu que permaneci aí, para sempre, nesse estranho panteão que cada um carrega consigo mesmo. Para outros, continuo sendo o jovem dos *Vagabundos eficazes*⁷. Para alguns mais raros, trata-se de *Nós e o inocente*⁸, e da água, das pedras e de nada mais.

⁴ ON, em francês. Em seus textos, Deligny faz do pronome indefinido “on” uma entidade, uma força impessoal e inelutável à qual os sujeitos são submetidos – como o são à Instituição ou à Ideologia, por exemplo. [NDT]

⁵ No original “la baudruche s’est déchirée”. Deligny joga aqui os múltiplos significados da palavra “baudruche” que quer dizer ao mesmo tempo balão, uma película de borracha (para fazer balões, por exemplo) ou ainda aparência, ilusão, ideia sem consistência e uma pessoa pretensiosa, sem caráter. A expressão “se dégonfler comme une baudruche” se refere justamente ao momento em que uma pessoa que se dava muito importância é desmascarada.

⁶ *Graine de crapule*, publicado em 1945. [NDT]

⁷ *Les vagabonds efficaces*, publicado em fins de 1947. [NDT]

Mas acontece também que alguns apareçam, propondo de saída que não leram nada meu, pode se tratar de uma desenvoltura um tanto quanto exibida, como está na moda. Para outros, é que eles têm outra coisa sobre a qual me falar, nem que seja de sua criança autista, e A GENTE lhes disse que...

A solidariedade é uma entidade notável embora muito modesta. Essa palavra aí, de solidariedade, o dicionário me ensina que viria de “in solidum”–: para o todo; os assistentes sociais formam um todo, e a esse todo, eu pertenceria então desde já e por obrigação.

Sou marginal? Isso existe, os marginais; eles formam uma espécie de todo. Sou-lhes solidário? Do mesmo modo os loucos, os delinquentes, os retardados⁹, os dissidentes... Todas essas solidariedades se entrecruzam em um ponto cujos dados não estão no âmbito da minha competência.

Ponto: – “porção do espaço determinada com precisão.”

– “marca, signo, objeto visível extremamente pequeno.”

Pontuar¹⁰: – “especificar a situação na qual a gente se encontra.”

Parece-me que passei a vida pontuando, com o prejuízo das convicções.

É como se diz, um ponto pode ser de pontuação. Haveria pontos de interrogação, pontos de exclamação. Não poderia ser, no que (se) dizem os assistentes sociais, que aqui fosse um ponto de convicção, objeto visível extremamente pequeno, minúsculo? O que se diz daqui de mais claro é, me parece, que esse ponto se encontra fora das instituições, ou antes, da Instituição, Instituição se tornando então uma entidade ancorada que balança ao vento das vogas. De fato, a Instituição é como a Marinha, toda uma frota de

⁸ *Nous et l'innocent*, publicado em 1975, livro já do período tardio de sua obra, em que Deligny recebe crianças autistas mudas nas Cevenas, região rural no sul da França com muitas pedras e rios. [NDT]

⁹ Em francês “les demeurés”, termo que se referia aos retardados, literalmente aqueles que permaneciam dentro (trancados) ou que seriam muito lentos. [NDT]

¹⁰ *Faire le point*, em francês. [NDT]

edifícios; mas eles se encontram bem ancorados e não correm o risco de sair de onde estão. Isto posto, balançam um tanto ao vento das ideias em voga.

Ora, há ideologias fanáticas, e há ideologias suaves. As suaves se infiltram, se impregnam, acariciam. Nos velhos edifícios instituídos como que desde sempre e para sempre, isso areja, ares do tempo.

De modo que aqueles que trabalham nessas instituições, nos porões ou nas pontes, tendo ouvido falar que o pequeno ponto no espaço não é uma Frota, imaginam que, aproveitando livremente dos ventos em voga, ele se encontra para além do horizonte, sempre em frente, em algum lugar, assumidor de miragens.

Já disse e redisse frequentemente, mas preciso mesmo martelá-lo: o maior perigo que podem correr aqueles que, por acaso, empreenderem uma tentativa assim, fora da Instituição enclausurada¹¹, é de se orientar pelo vento em voga.

Por isso não cessei de pontuar, e não porque sabíamos mais ou menos onde nos encontrávamos, mas para os outros, para aqueles que, eventualmente, se decidissem por romper o pacto institucional. Para que se juntassem a nós? Para que não se perdessem no cúmulo das ideologias dominantes, mar dos Sargaços, grosso como uma sopa, com todos os pequenos estandartes da partida festiva boiando lamentavelmente.

Se os ventos em voga sopram do Sul, é para o Norte que é preciso rumar, obstinadamente.

Dir-me-ão que as ideologias são contrárias, se afrontam... Deveria ter escrito: a ideologia enquanto dominante, determinante; a ideologia, qualquer que seja, o que for que diga, nutridora das convicções e de uma certa ideia do homem, ideia dada. Do mesmo modo que se as instituições são múltiplas e um tanto

¹¹ *Institution enceinte*, em francês. “Enceinte” tem o sentido aqui de “espaço fechado, cercado, encerrado, enclausurado”. Mas Deligny joga também com o sentido mais usual de “grávida” ou “fecunda”, apontando justamente para toda a ambiguidade da noção de “instituição”. [NDT]

dísparos, e se pode invocar a Instituição, entidade, pode-se evocar a Ideia do homem.

Se uma tentativa é um ponto no espaço do momento, dizer que se trata de um ponto de convicção pode evocar que, de convicção, não resta mais nenhuma e ponto, a não ser aquela que é preciso buscar no que essa ideia/imagem do homem que nos é dada eclipsa e que poderia ser chamada o humano, se se compreende que essa palavra designa então o que o ou os humanismos eclipsam em proveito das ideias que os conviccionam. E falar de ideias é utilizar um termo bastante leve já que se trata de uma Imagem incorporada, de um ponto de vista que tende como que naturalmente a exigir unanimidade; o que parece ser apenas o mínimo e que é, senão o motor, ao menos a justificação de todos os impulsos de domesticação, sejam eles fanáticos ou suavizados.

Eis que nos vemos nesse “ponto de convicção”, onde, por conta da presença de crianças autistas, nossas convicções são refratadas, como acontece com a luz no arco-íris. E ao contrário do que se poderia acreditar, nenhum de nós é intelectual, nem mesmo eu, que diz o azul, o verde, o amarelo, o laranja, e o vermelho, simplesmente porque o real não possui nem verdade, nem ética; o real não é a realidade.

O que se revela flagrante com as crianças autistas corre o risco de não sê-lo tanto com outros, crianças ou não, que são aqueles casos nos quais os assistentes sociais devem intervir, qualquer que seja a sigla segundo a qual eles procedem. Para alguns entre eles existiria, disseram-me, algo como um deligninismo de convicção, o ismo sendo sufixo de um substantivo: “unidade do léxico que pode ser combinado com diversos morfemas”.

Morfemas? Vamos lá então. Nada posso contra o fato de que essa palavra evoque parasitas particularmente tenazes. É mais fácil contraí-los do que se livrar deles. Vão me dizer que se se instalaram em algum lugar, não é no meu corpo, mas no meu nome. E que um nome é um pouco como uma criança; não se pode deixá-la perambular em qualquer lugar. Resta deixá-la consigo para

que morfemas não contraia. Dito de outro modo, eu não precisava escrever, e sobretudo sem dúvida como o fiz desde o primeiro livro publicado. Em seguida, precisei escrever para me livrar dos morfemas atraídos, estes morfemas não sendo aqueles mesmos que me leem, “me” sendo um livro ou outro publicado sob a insígnia do meu nome, mas, o que dessa leitura, se transforma em “ismo”, de modo que me eis substantivo, presa das combinações no seio das quais proliferam morfemas de todos as estirpes, as estirpes sendo quem assina a mínima obra. E é o cortejo das estirpes mais ou menos notórias que, sendo estirpes substantivas, se encontram, entre elas, em conflito aberto e querendo se destruir umas às outras, e que, morfemizadas, produzem uma espécie de plâncton ideológico, o mar dos Sargaços, onde os projetos vão se nutrir. Tudo se passa como se tudo fosse compatível com qualquer coisa.

E eis que eu, que tentara tomar certa distância, me vejo na vizinhança, e pior ainda, emparelhando com os projetos virtuais de assistentes sociais com abstinência de outra coisa, com aqueles mesmos cujas convicções formuladas me parecem opostas ao que posso propor. E me surpreendo ao dar bruscas guinadas excessivas e paradoxais para escapar a esse amálgama de comprometimento, do qual, aliás, ninguém tem cura.

Coço-me onde sinto comichão: são os morfemas. Mas que eu me coce, todos se lixam: isso é bem meu direito e pronto.

Dito isto, não vejo de modo algum – no que me concerne – como poderia ser de outro jeito. Resta a parte dos outros.